

A BUSCA DO ESPAÇO COM O BORDADO

CHAGAS, Claudia Regina Ribeiro Pinheiro das - UERJ

GE: Gênero, Sexualidade e Educação / n.23

Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

É histórica a dificuldade das mulheres terem acesso à educação. Sua ausência na escola era imposta e preconceituosa e a vida cotidiana feminina foi permeada pela rotina do lavar, passar, cozinhar etc, onde se entendia que não lhes era exigido conhecimentos especializados. No entanto, os modos de contar esse cotidiano e a possibilidade criada e vivida de troca permanente permitem descobrir o que cada uma pensa acredita e faz nos diversos espaço/tempos cotidianos nos quais a cada imposição, subvertem o imposto, criando caminhos e desvios, para que a voz de todas possa ser ouvida e respeitada e para que a troca respeitosa seja uma prática cotidiana.

A necessidade de mão de obra barata, no entanto, fez com que gradativamente a mulher fosse inserida no mercado de trabalho, apesar de não exercerem cargos de chefia, que era uma prerrogativa masculina. Saffioti (1996:179), sobre isso, explica:

“Com a urbanização e a industrialização, a vida feminina ganha novas dimensões não porque a mulher tivesse passado a desempenhar funções econômicas, mas em virtude de se terem alterado profundamente os seus papéis, no mundo econômico”.

A necessidade de instruir-se e educar-se era um dos principais anseios femininos, para a conquista da liberação e uma forma de alterar esse destino subordinado à moralidade da época. As mulheres tomando consciência dos medos da sociedade machista, vão abrindo mão da ‘sagrada’ missão de cuidar do ‘lar’, em nome de uma aquisição de conhecimento e da capacidade produtiva, procurando acalmar a todos e não entrando em conflito, buscando usar como tática a persuasão e o convencimento como forma de luta pelos seus ideais.

A ida para o magistério que foi a primeira possibilidade de emprego representou o ponto de partida naquele momento histórico (início do século XX). Sendo assim, a maioria procurava a profissão como uma alternativa ao casamento ou outra ocupação considerada na época de menor prestígio, como costureiras, parteiras, e qualquer outra profissão dita feminina. A tática usada pelas mulheres permitiu que elas passassem a

sair sozinhas, possibilitando à aquisição de novos conhecimentos e abrindo caminhos para uma futura inserção no espaço público restrito até então aos homens.

O privilégio de ‘dar conhecimentos’ estava restrito às mulheres das classes privilegiadas. À classe das mulheres do povo era negado esse direito. A elas cabia trabalhar pela sua sobrevivência e cuidar da casa. Mas no seu cotidiano deixavam suas marcas. As mulheres caladas durante muito tempo, começaram a descobrir que seu passado era histórico e que tinha muito a dizer. Desse passado afloraram caixas de recordações com cartas de namorados, imagens, documentos de nascimento e mortes, diários, cadernos de receitas, cardápios e o uso de trabalhos manuais, ou seja, astúcias de quem não tinha voz, e onde a temporalidade ficava marcada com tipo de material, pontos, desenhos etc. Enfim todo um passado aprisionado que as conduziu à segregação social e política, teve como consequência a invisibilidade como sujeito, inclusive e principalmente como sujeito da ciência, como comenta Louro (1997:17)

Tornar essas mulheres visíveis foi o grande objetivo das primeiras estudiosas na questão do gênero, e com o uso desse material, cuidadosamente guardado, foi possível dar os primeiros passos para desvendar as trajetórias percorridas por essas mulheres.

Nessa mesma direção, este trabalho toma como foco da pesquisa o modo como as mulheres deixam suas marcas através de trabalhos manuais, mais especificamente o bordado, que durante algum tempo fazia parte da formação da ‘boa mulher’. Louro explica a esse respeito:

“As escolas femininas dedicavam intensas e repetidas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens “prendadas”¹, capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha ou de pintura” (idem, 62).

A partir da luta pela emancipação da mulher, os trabalhos manuais, que eram uma forte marca da dominação, deixa de existir nas escolas. Hoje em dia, com a crise econômica vivida, é significativo o retorno ao uso de trabalhos manuais, principalmente o bordado, em diferentes espaços, seja na moda, na literatura, no cinema e na escola.

Meu interesse, nesse trabalho, é tentar mostrar como as histórias de vida dos sujeitos, através de suas narrativas e possibilidades se entrelaçam, contam com o apoio de imagens, influenciando sua prática cotidiana.

Para um grupo de mulheres que vivem em um assentamento de sem-casa, o conjunto Vila Mariquinhas, essa possibilidade surgiu com a oficina “Memória e

Cultura”, idealizada pelo artista plástico Wilson Avellar, dentro do projeto “Arte e Criação” da prefeitura de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. As bordadeiras são conhecidas, por isto, como “Mariquinhas”.

Através de seus bordados podemos ‘ler’ que essas mulheres vivem em um contexto estruturado não somente pelo capitalismo, onde as desigualdades econômicas dizem quem manda e desequilíbrios sociais precisam ser superados, mas também pelo patriarcado, onde a cultura da inferioridade feminina, tanto biológica como intelectual é um pressuposto para dar ao homem o poder. Toda essa cultura está baseada na diferença ‘natural’ entre os sexos e as mazelas da vida são por elas carregadas. As responsabilidades com os cuidados com a família, como indica Luce Giard (1996::215) nos leva a pensar em uma outra escrita:

“Mulheres voltadas sem fim aos trabalhos domésticos (...) Seguindo seus passos, sonhei fazer uma escrita pobre, de escritor público a quem não pertencem as palavras, cujo nome próprio se apaga, uma escrita que visa à sua própria perda, que repete, à sua maneira, aquele humilde serviço em favor do outro.”

Com seus bordados as Mariquinhas têm o prazer de falar o que viveram e experienciaram, mesmo que as lembranças não sejam boas, mas dessa forma deixam registro de sua história, uma necessidade de todo ser humano. Como, ao longo da história, a mulher foi considerada como estando a margem da sociedade, elas se tornaram hábeis em criar ‘táticas’, com as quais poderiam perpetuar sua existência. Assim foi/é em seus bordados ou nas receitas que criavam/criam. Luce Giard (1996:215) afirma que:

“Enquanto uma de nós conservar os saberes nutricionais de vocês, enquanto de mão em mão e de geração em geração se transmitirem as receitas da terna paciência de vocês, subsistirá uma memória fragmentária e obstinada da própria vida de vocês.”

Através da oralidade, grande foco de resistência, dentro da qual através da narrativa, perpetuavam/perpetuam as experiências vividas criam sua maneira de olhar o outro. Certeau fala de uma outra arte, a de conversar, dizendo:

“As retóricas da conversa ordinárias são práticas transformadoras ‘de situações de palavra’, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem

¹ Grifo da autora

proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém”.(1994:50)

Uma característica nos relatos femininos são as lembranças não apenas de cada uma dessas mulheres neles envolvidas, mas sim uma lembrança envolvendo a família. Nos bordados a presença de seus membros é uma constante. Até mesmo o marido bêbado é retratado, de cabeça para baixo, como se estivesse na contramão da vida. Ao tecerem a ‘colcha’ de suas vidas, elas colocam as parcerias conquistadas nessa trajetória. Deixá-las ‘falar’ através de seus bordados, é ‘escutar’ o que ninguém quer ouvir. Cada bordado que narra histórias indica:

“Vozes que revelam sem pretensão, com palavras do cotidiano, práticas comuns. Vozes de mulheres que revelam a vida das pessoas e das coisas. Vozes, simplesmente vozes”., Como reforça Giard (1996:224)

Complementando, Louro diz que essas vozes foram silenciadas frente a uma ciência que fala por todos e de todos, representando toda a humanidade, e que foi feita pelos homens brancos ocidentais da classe dominante, e que uma das justificativas e um dos encaminhamentos da investigação feminista tem sido ouvir a voz de quem foi silenciada, denunciando e explicando esse silenciamento e conseqüentemente através da problematização desafiar a própria forma de fazer ciência até então hegemônica.

Peço licença, assim, às “Mariquinhas” para trazer para o meu trabalho um pouco do muito de beleza que elas fazem, com a narrativa de algumas.

Essa amiga anônima retrata toda a esperança de ser feliz e ter uma vida melhor, que para ela era sinônimo de ter uma família, pois apesar de ter pai e irmãos, ela não se sentia no seu papel de filha/ irmã, mas sim de uma pessoa responsável por cuidar de todos. Se o seu papel não era definido, ao ter sua família ela seria uma mãe/esposa realmente, ser o que pensava. FOTO 1.

“Cresci, tornei-me mulher, quis amar, quis ter uma família melhor. Meu pai morreu, meus irmãos se casaram. Então eu pensei: tá na minha hora”.

Em outro retalho, há um destaque para a união familiar, o que segundo a reportagem é comum entre os trabalhos. No trabalho abaixo as lembranças são de uma família tradicional, completa com a presença de pai, da mãe e irmãos. FOTO 2.

“Esta é minha família. Onde cresci. Tive pai, mãe e irmão. Apesar dos problemas, tive sorte de tê-los”.

Outro tema de grande frequência no grupo é o amor/ desamor, no qual as mulheres falam/ bordam suas experiências. Transcrevo algumas narrativas:

“Clarice (Lispector) mexe muito com a gente quando fala de amor. Mas o que mais gosto é de bordar o meu marido de cabeça para baixo. Ele viveu anos com a cabeça virada, bebia muito, tinha muitas amantes e eu sofria demais com isso”.(Maria Teresinha Souza Cruz, 39 anos, cinco filhos, mulher do borracheiro José).

“Todos os meus trabalhos têm um coração e a palavra amor no meio”.(Noberta Vivência, 45 anos, três filhos, mulher de Sebastião e sonhadora).

A infância também é retratada através das brincadeiras. FOTO 3

“Na minha infância, pinte, bordei e mordi a mão da professora”.

Sem concluir

Pretendi com esse trabalho, fazer algo que mostrasse caminhos para outros, porque todo dia as práticas mudam, a vida ensina e forma. São através desses caminhos e descaminhos, que vamos tecendo, bordando, a nossa colcha, onde as redes de tessituras muitas vezes usam fios coloridos e em outras fios crus secos. Os caminhos estão aí para serem percorridos, aprendemos e mudamos de idéias, reformulamos valores, e é isso que nos dá a sensação de um processo contínuo, que nunca acaba e nos diz que estamos vivos e ativos, sendo autores/ atores na nossa história, sujeito ativo, autor/ator, buscando trazer outras narrativas, quero dar a elas o direito de serem ouvidas, e de sinalizarem outras possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível**. São Paulo: Editora Unesp, 1998
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade—Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CERTAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FOERSTER, Heinz von. Visão e conhecimento: disfunções de Segunda ordem. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTAU, Michel, GIARD, Luce., MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano-2 morar e cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In OLIVEIRA, Inês Barbosa, ALVES, Nilda (orgs). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas-sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A,2001.



FOTO 1

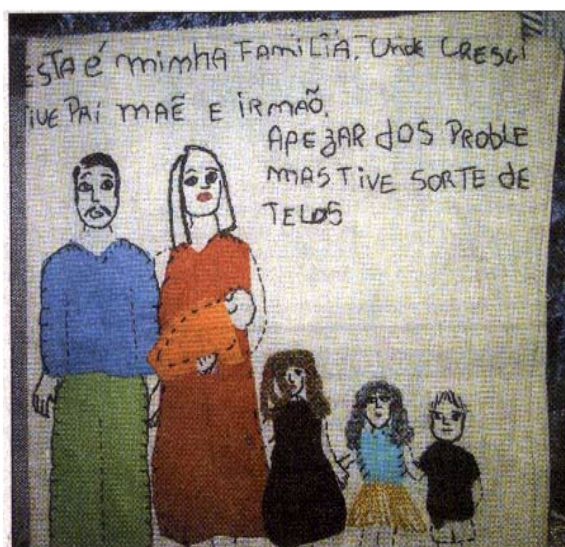


FOTO 2



FOTO 3

A BUSCA DO ESPAÇO COM O BORDADO

